

A NOVIDADE

Folha critica, litteraria e recreativa

PROPRIEDADE E REDACÇÃO

B. C. DE FARIA E J. P. MACHADO

N. 2

Fevereiro de 1883

ANNO 1



AMAVEL LEITORA

Com certeza ao lançardes os olhos para este microscopico jornal um compassivo sorriso vos entre-abrio os nacarados labios, e esse sorriso accentuou-se ainda mais quando os fixasteis no titulo — *A Novidade*.

« No seculo em que nos achamos, direis, isto é pretender muito ! Todos os dias apparecem jornaes para desaparecerem pouco depois, como os fogos fatuos verdadeiros calibres que surgem alardeando a sua nitida plumagem, mas que vivem como diz Malherbe: *L'espace d'un matin*.

Pois bem, leitora, accêito a comparação; este jornal é um colibry, mas, pensai que esta mimosa ave encontra o principio de sua subsistencia na rosa que abrilhanta os jardins e que se presta de boa vontade á sua necessidade vital. Sede como a rosa, recebei sob vossa protecção e-se colibry desamparado que vóa pelo espaço fugindo a tempestade que sente desencadeiar-se e que só em vós póde encontrar abrigo; elle é vosso, vive para vós, e só por vós póde subsistir. Não terá elle por certo o destino de tantos outros, morrer embryonario, si lhe quizerdes ser — a rosa.

LUIZ NOBREGA.

— « : » —

Aos nossos distinctos collegas que accusaram o recebimento da nossa modesta folha, e que nos honraram com as suas palavras lisongeiras, muito agradecemos

— « : » —

ESPLENDIDO

Começa d'este numero em diante a fazer parte da propriedade d'esta folha o nosso amigo J. Z. Gomes do Amaral.

SONETOS DE LUIZ NOBREGA

Recebemos d'este nosso collega de redacção o seu livrinho intitulado « SONETOS ».

A imprensa d'esta corte já se occupou d'este primoroso livro; por consequencia muito pouco temos que dizer.

Luiz Nobrega é um moço talentoso, ardente e apaixonado como todo o poeta aos 19 annos, mas, como os oradores que, respondendo simultaneamente a muitos apartes, não perdem a ordem das idéas, tambem no meio do entusiasmo que se manifesta em seus versos elle é preciso na fórma, infallivel na metrificacção, e até mesmo correcto na linguagem.

Façamos uma rapida analyse dos sonetos :

No 1.º « A PARTIDA » o autor se define, deixa perceber o seu talento.

No 1.º quartetto mostra-se perfeito no descriptivo, duas bellas comparações formam o 2.º; no 1.º tercetto por uma idéa que só teria um observador como elle, prepara o leitor para o ultimo, onde fecha perfeitamente o soneto; maior correcção não se póde imaginar.

O 2.º é uma concepção altamente philosophica e é com firmeza de bom psychólogo que elle diz :

« Si a luz dos olhos teus falta aos sentidos
« Scintilla na razão a luz divina,

No soneto « OJOS BELLOS » o poeta mostra-se apaixonado por uns olhos brilhantes como o sol da Andaluzia. E' esplendido o ultimo tercetto.

« Ah! como a graça os cilios teus adorna
« Si tens o ceu nos olhos fascinantes.
« Um teu olhar o ceu n'alma m'entorna.

Não nos é necessario dizer mais sobre o poeta, o seu nome já é bastante conhecido, e muito mais se tornará com a publicação de um volume de versos: « NICTOPHILAS », de um poema americano e de mais um outro volume que agora collecção. Terminando pedimos venia para transcrever um pequeno soneto sublime na simplicidade e sentimentalismo :

Da rosa peregrina
Que, linda, m' offertaste
Para te ornar guardaste
A perfeição divina.

Na face chrystalina
Que mais gentil tornaste
O brilho conservaste
Da pet'la purpurina.

Tu tens da meiga rosa
A cor bella, formosa,
O celestial candor.

E eu tenho mais, querida,
Pois tenho a minha vida
Nas pet las d'essa flor.

Por essa mimosa composição que se denomina « CONFRONTO » facilmente se julgará do resto.

Ao collega os nossos parabens.

P. L. COSTA.

— « : » —

UMA PAGINA DE ZOLA

Por uma destas noites frias e tempestuosas, n'uma dessas vielas immundas da nossa cidade, era horrorosa a *mise-en-scene* de um quadro digno de figurar em qualquer romance do grande escriptor Eugenio Sue. O scenario—uma alcova—era o mais horrendo possivel. As sombrias paredes, onde se reflectiam os palidos clarões de uma candeia nos ultimos arrancos, tinham um aspecto sinistro.

Uma mulher, em um catre, com as feições desfiguradas por horrivel molestia, apresentava o typo da miseria levada ao ultimo extremo.

Junto a ella, uma moça de 18 annos, clara como uma opala, bella, qual uma estatua de Pheidias; os seus olhos azues e os seus cabellos de um louro *cedre*, fazia-nos recordar um cherubim habitante do paraizo. Nas suas faces viam-se sulcos de lagrimas ainda recentes, a magreza que patenteava, era a prova do seu grande soffrimento moral.

Havia-se esgotado todos os recursos, tinha-se lançado mão dos ultimos meios, mas tudo foi debalde.

A escolher, só uma das duas hypotheses: abandonar sua mãe, que agonisava ou sugeitar-se a pedir uma esmola. A nova martyr preferio o ultimo de-sees alvitres.

Cobrio a formosa cabeça com uma mantilha bastante usada, occultou-se no escuro da porta e ouvindo o soar de uns passos, estendeu a mão:

— Uma esmola, por Deus, senhor, minha mãe está moribunda, salve-a.

O individuo parou ao som daquella voz argentina olhou-a e ficou abysmado ante aquella belleza ideal.

O seu organismo propenso á libertinagem, estremeceu. O fidalgo disse-lhe:

— Acompanhe-me, eu dar-lhe-hei os soccorros que precisa.

.....

Um anno depois a scena mudava-se.

N'uma das ruas mais frequentadas desta capital, n'uma casinha com o frontespicio em forma de *chalet*, cujo gradil era *argentio*, podia-se observar um quadro encantador: uma esplendida mulher, trajando um finissimo roupão de cambraia, e deixando ver a pontinha do seu borzeguim—o ninho onde se abrigava um pezinho 29—debruçava-se languidamente sobre os hombros de um elegante rapaz, que murmurava-lhe ao ouvido phrases apaixonadas e cheias de um realismo admiravel.

Um *landeau*, tirado por dois magnificos animaes, levava um homem, cujos cabellos encaneciam.

Ao vel-o, a *cortezã* mostrou-o ao amante:

— Vês aquelle typo, foi o autor da minha deshonra, e a elle devo a vida em que me acho.

Uma risa a estridula e infernal repercutio pelos quatro angulos da sala.

Tristes sed veritas.

AMERICO GUIMARAES.

ANTONIO JOSE' RODRIGUES

Após crueis soffrimentos falleceu a 24 do mez passado, o Illm. Sr. Antonio José Rodrigues, pai do nosso estimado amigo José Martiniano Rodrigues.

A' sua desolada familia os nossos mais sentidos pezames.

HENRIQUE CARDOSO

Roubado ao amor da familia e dos seus amigos, falleceu no dia 7 do corrente o nosso amigo Henrique Cardoso, primo do nosso collega de redacção João de Pino.

A morte daquelle que em vida foi um filho extremoso, irmão amantissimo e amigo dedicado, deixou-nos mergulhados na mais profunda dôr.

A' sua inconsolavel familia enviamos os nossos sentidos pezames.

CONCERTO

Deu hontem (10), o seu concerto no Club Gymnastico Portuguez o talentoso e estudioso pianista o Sr. F. Moreira de Sá.

E' de lastimar que em um paiz como o nosso, que se intitula protector das BELLAS ARTES, deixassem desamparado esse intelligente pianista.

Em outro numero do nosso jornal nos occuparemos mais detalhadamente do seu concerto.

—«:»—

ELECTRICO

RACHOU-SE O ESPELHO.

N'uma destas noites de calor intenso, ella, em frente ao espelho acabava de dar os ultimos retoques de pintura em seu divinal rosto,

Estava hospedada em casa de uma familia. A vella accesa junto ao espelho grande do toucador, dava claridade sufficiente para ver bem perto o mimoso rosto.

Pensava ir toda *chic*, passeiar, quando ouvio um *estalo*; era o espelho que rachava-se com o calor da vella. Ora essa, diz ella!—rachou-se o espelho!—e agora que contas vou eu dar de mim?!...

A iraf.

—«:»—

E's sinhá velha faceira
Travessa, linda, mimosa,
Morena, geitosa e ligeira
E's sinhá velha faceira.
Tens olhar de feiticeira,
Labios de botão de rosa,
E's sinhá velha faceira
Travessa, linda, mimosa.

B. F.

—«:»—

Os ex-alunos do collegio Victorio não perdem occasião de se mostrarem amantes do progresso e do estudo.

Ha pouco tempo apresentaram na arena do jornalismo um periodico com o titulo de *Bicho*, cujos artigos vinham bem escriptos, e ultimamente installaram uma sociedade com o titulo « Congresso Litterario Victoriense ». A estes moços os nossos cumprimentos.

—«:»—

O CASAMENTO

(Continuação)

VI.

O casamento é como a religião, tem inferno, purgatorio e ceu: O inferno são as sogras, o purgatorio os primos, o ceu a mulher quando não a acompanha os dois primeiros.

B. F. BAPTISTA.

VII.

Tudo n'este mundo é difficil de realizar-se, menos o casamento.

J. E. S. CORREA.

VIII.

O casamento é um laço do qual, os que estão presos, desejam sahir, e aquelles que ainda não estão desejam prender se,

J. SA'.

IX.

O casamento, mulher, é a brisa que balança. A vida de dois seres. A nuvem cor de ouro. D'alguem que ama. D'amor um riso d'esperança.

AMERICO GUIMARAES.

X.

O casamento é a mortalha no ceu se talha.

POESIA

DESPEDIDA

E' noite—estrellas doiradas,
Rompem as ondas iradas
Do vasto oceano dos ceus.
E um novo *Edem* em flôres,
Um novo mundo de amores,
Vejo n'um riso dos teus.

Minh'alma toda se agita
Meu peito em ancias palpita,
Pensando em ti oh! querida
Porém que cruel receio!
Vem lacerar meu seio
No instante da despedida?

Vejo em teus olhos formosos
Dos bellos cilios mimosos,
Divinas gotas de pranto,
E surge para mim mais bella
Na aurora casta e singella
Mais sublime e puro encanto.

De que nos serve a ausencia,
Se de amor sob a influencia
O meu pensamento—é teu
Se o amor que minh'alma encerra
Não ligar-nos sobre a terra
Seremos juntos—no ceu.

JOAO PAES LEME DA COSTA.

—«:»—

TU'ALMA

Tu'alma é cofre, que guarda
As essencias mais mimosas,
D'onde, tenues, s'evaporam
Em radiações luminosas,

Teus olhos são como a fonte
Que toda a culpa redime;
Teu sorriso, claro espelho,
Que d'alma a pureza exprime.

Feliz do lar onde, amante,
Possas reinar triumphante,
Candida estrella sem véo;

Quantos heróes não faria
Esse sorriso—poesia
Que se reflecte do céo.

LUÍZ NOBREGA.

— «:» —

Por ti minh'alma suspira
Dou-te a vida e o coração,
Bella e adorada Elvira
Por ti minh'alma suspira.
Aceita da minha lyra
Esta prova de afeição,
Por ti minh'alma suspira
Dou-te a vida e o coração.

B. F. B.

— «:» —

Faz annos no dia 17 do corrente a
Exma. Sra. D. Elvira Amelia de Souza
e Silva.

A *Novidade* pede licença para depo-
sitar nas mimosas mãos de V. Ex. um
bouquet das mais lindas flores.

— «.» —

OS ENCONTROS

(Conclusão)

D'outro lado do balcão a velha ajusta
uns carreteis de linha e agulhas.

— Seu Ernesto, quero linha ns. 21, 30,
40 e 50, bem fina, agulha marca Aguiá
—collecção.

E' escusado dizer que não ha rua ne-
nhuma n'esta capital para encontros
como a rua do Ouvidor, e aquelles ar-
marinhos! aquelles armarinhos?!!

Alli encontra-se as filhas do desem-
bargador Telles Barreto que são muito
presumpçosas e não tem a sympathia das
outras amigas.

Acolá encontra-se as filhas do com-
mendador Cascaes, as filhas d'este illus-
tre desconhecido, são muito bonitas e...
namoradeiras, quando vão á rua do Ou-
vidor, prendem mais de vinte mil olha-
res.

As moças nas occasiões de encontros
reparão todo tempo nas toilettes das
outras.

Mais adiante encontram-se bem de
frente os cadaveres com os devedores.

Um successo! Um encontro da fami-
lia toda do Nogueira com as manas, mãi
e sogra do Jezé, é uma gritaria infernal;
beijos, risos, etc.

Nota-se que as filhas do tal Nogueirão
são muito reparadeiras: apreciemos este
encontro no armarinho do Barroso.

— Como está, D. Candinha.

— Eu bem, obrigada.

N'este interim da conversa de D. Ra-
phaela com D. Candinha estão as moças
num colloquio a respeito de rapazes,
modas e novidades.

— Como estão os *pequerruchos*, per-
gunta D. Amelia a D. Custodia.

— Bons, D. Amelia; no Menezes Vi-
eira.

— O que, D. Custodia?

— Digo que os meninos estão no Me-
nezes Vieira.

— Ah... os meus também estão lá...
bom collegio.

E' escusado dizer que nas occasiões de
encontros os namorados sempre se olhão
(parece o diabo).

Nos bonds..... Minha Nossa Senho-
ra! até nos bonds ha encontros, se bem
que alguns pessimos.

Quando um rapaz conhecido de uma
familia senta-se no banco da frente e o
conductor ainda não tem cobrado as pas-
sagens, é um encontro terrivel.

Nos cafés, nos hoteis, nas confeitarias
tambem ha encontros;

— Pagas café, sorvete ou o jantar?

— Pago; diz o *amphitrião*.

E o convidado come como um lorpa.

— Este é um pessimo encontro.

Nas missas tambem ha encontros, e
estes são de tirar o chapéo.

Apreciemos antes e depois da missa
acabada.

— Como passou, D. Chiquinha?

— Vai se indo—a Nôô está boa?

— Vai indo tambem, D. Quinha,
apaixonada pelo Juquinha.

— E elle ainda está muito namorador?

— Como sempre; por estarmos aqui
estou me lembrando... Sabe quem dei-
xou o marido? a Nonoca.

Replica D. Angelica — Ora, tambem
ella tinha razão, o Antonico tratava-a
tão m l.

— Eu já sabia.

— Está bom; vou jantar com o tenente
coronel para encontrarmos-nos lá com o
tal Juquinha, e a Nôô que deve estar
lá, desde manhã.

— Adeus, D. Angelica.

— Chiquinha, adeus.

— Carlottinha sempre as ordens.

— D. Camara, estimei vê-la de saude.

— Seu Fabricio, lá estamos, appareça.

Emfim ha encontros em todos os luga-
res: nos hoteis, cafés, confeitarias, thea-
tros, passeios, estrada de ferro, ponte
das barcas, plano inclinado, casas de fa-
milia, missas, armarinhos e na rua do
Rezende.

Entre rapazes em occasião de encontro
nunca se relacha o seguinte:

Tens por ahi um cigarro.

Basta de caceteação; ainda tenho que
ir a rua do Torres encontrar-me com
umas moças, para ir-mos ver o parafuso
que está se fazendo na rua do Riachuelo,
até já. *Au revoir*.